

O Suicídio: a influência do Sistema Capitalista, Políticas Públicas e o Serviço Social

*The Suicide: the influence of the Capitalist System,
Public Policies and Social Work*

Cristiano Bordin¹
Gisele Piveta de Oliveira²
Lilia Kelly de Azevedo Silva³
Lívia Marinho de Moura⁴
Cleide Henrique Avelino⁵

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido objetivando pesquisar as causas que levam ao suicídio sob uma perspectiva socioeconômica, buscando fundamentos sócios históricos, que relacionem a influência do sistema capitalista e a intervenção do Serviço Social nos casos de pessoas potencialmente suicidas, atendidas por uma equipe multiprofissional de Saúde Mental. Através de literaturas pertinentes para delinear os eventos causadores do suicídio, pode-se, assim, estabelecer possível relação entre os casos de suicídio e fatores sociais. Para tanto, apresenta-se números de suicídios e tentativas por todo o mundo correlacionando com a situação econômica e cultural de todos os países, como também dados mais aprofundados do Brasil, detalhando cada estado e fatores regionais. Como proposta metodológica foi realizada pesquisa bibliográfica sobre a temática, para um embasamento histórico que proporcione conhecimento aprofundado e que permitiu contextualização com as causas contemporâneas de suicídio.

Palavras-chave: Suicídio; Serviço Social; Políticas; Públicas.

ABSTRACT

This work was developed aiming to investigate the causes that lead to suicide from a socioeconomic perspective, searching for foundations historical partners that relate the influence of the capitalist system and the intervention of the Social Service in the cases of potentially suicidal people, attended by a multiprofessional team of Mental Health. Through literature that pertinent to delineate the events causing suicide, can thus establish possible relationship between suicide cases and social factors. To do so, it presented suicide numbers and attempts throughout the world correlating with the economic and cultural situation of all Countries, as well as more in depth data of Brazil detailing each state and regional factors. As a methodological proposal, a bibliographic research was carried out on the subject, for a historical background that provides in

¹ Graduando 7º termo de Serviço Social do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium - UniSalesiano Campus Araçatuba.

² Graduanda 7º termo de Serviço Social do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium - UniSalesiano Campus Araçatuba.

³ Graduanda 7º termo de Serviço Social do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium - UniSalesiano Campus Araçatuba.

⁴ Assistente Social, Doutora em Serviço Social, Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium - UniSalesiano Campus Araçatuba.

⁵ Contadora; Especialista em Contabilidade, Administração e Finanças; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium - UniSalesiano Campus Araçatuba.

depth knowledge and allows contextualization with the contemporary causes of suicide.

Keywords: Suicide; Social service; Policies; Public

Introdução

O suicídio é uma das principais causas de morte no mundo. É uma epidemia silenciosa que mata mais de 800 mil pessoas por ano, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, o que representa uma morte a cada quarenta segundos. Estima-se que em torno de 10 a 20 milhões de pessoas se auto lesionam intencionalmente, classificando-se como suicídios não fatais.

O suicídio ocupa a 16ª posição no ranking mundial da Organização Mundial de Saúde – OMS, de doenças que mais matam no mundo, tornando-o mais letal do que muitas patologias e guerras.

O Brasil já ocupa o 8º lugar no mundo. No ano de 2011 foram registrados 11.281 casos de morte por suicídio. A Índia lidera este *ranking* com alarmantes 258 mil casos no mesmo ano.

Os casos de suicídio são fenômenos presentes ao longo da história humana, em diferentes culturas e localidades, não podendo haver uma única determinante. É resultado de multifatores psicológicos, culturais, sociais, biológicos e até genéticos.

Não se pode precisar quando o primeiro suicídio ocorreu. Há registros que datam desde 2.500 a.C, que de acordo com a Enciclopédia Delta de História Geral, houve suicídios coletivos relacionados a rituais religiosos.

Ao longo dos séculos, o suicídio tem se apresentado sob óticas diversas. Em algumas culturas tolerado, em outras estimulado, outras reprimido, e em outras criminalizado.

Na cultura cristã, o suicídio torna-se um atentado contra o próprio Deus, uma violação à sua obra perfeita: a vida humana, visto também que de acordo com as tradições bíblicas, o suicida iguala-se ao roubo ou assassinato.

O primeiro a afirmar que a tentativa de se matar era produto de doença mental foi o psiquiatra francês Jean-Étienne Dominique Esquirol, em meados do século 19.

Na contemporaneidade, quando se aborda este tema com enfoque na faixa etária, o suicídio se apresenta como a 2ª causa de morte entre jovens de 15 a 29

anos, e taxas elevadíssimas em pessoas com mais de 70 anos. Quanto ao gênero, independentemente da idade, o suicídio é mais frequente em pessoas do sexo masculino.

Os maiores índices de suicídio se concentram em países de classe média e baixa. No levantamento de 2014 da Organização Mundial da Saúde, quase 600 mil mortes por suicídio ocorreram nestes países, para quase 200 mil mortes em países de alta renda.

Numa reflexão mais profunda, percebe-se que questões econômicas podem estar entrelaçadas intrinsecamente com as causas suicidas pelo mundo. Numericamente aponta-se a Índia, país pobre, com os maiores índices, beirando 300 mil mortes anuais. A Lituânia, país europeu assolado por crises econômicas recentes tem o maior índice para cada 100 mil habitantes: 31 mortes. Dados como estes embasam esse possível estreitamento da questão social e o suicídio.

Na atual sociedade capitalista neoliberal, na qual impera a perspectiva do sucesso individualista, o indivíduo que não consegue se realizar diante normas impostas pelo capital, mídia, ou família, especialmente no que tange a questão financeira ou trabalho, como também nos momentos de crise econômicas generalizadas, a sombra do suicídio transparece como alternativa a essa realidade.

O suicídio pelas civilizações

O limiar entre a brevidade da vida e o mundo desconhecido da morte sempre foi objeto de discussão, teorias e até sedução por aqueles que almejam tal descoberta. O ser humano, indivíduo naturalmente curioso e instigado à procura, passa pela vida uns temerosos pela sombra do encontro com a morte, outros veem nela a quimera de um além melhor.

Por todo mundo, essa inquietude relativa à morte fica evidenciada através das culturas e seu modo de interpretação do morrer, que se expressa através dos diversos e nefastos rituais fúnebres. O autor Bowker (1995), comenta em seu livro *Os sentidos da morte*, a expressividade do ser humano, diante do ato da morte:

O que poderia haver de mais universal do que a morte? No entanto, que variedade incrível de respostas ela evoca. Cadáveres são queimados ou sepultados, com ou sem sacrifício animal ou humano; são preservados por defumação, embalsamento ou salmoura; são comidos – crus, cozidos ou assados; são ritualmente expostos como carniça ou simplesmente abandonados; ou são

desmembrados e tratados nessa variedade de sistema. Os funerais são a ocasião para evitar pessoas ou promover cerimônias, para lutar ou fazer orgias sexuais, para chorar ou rir, em milhares de combinações diferentes. A diversidade da reação cultural é a medida do impacto universal da morte. Mas, não é uma reação ocasional, é sempre significativa e expressiva. (BOWKER, 1995, p. 32)

O olhar para além da vida é inerente a existência humana. Em especial, a inquietude perturbadora que no pós-vida se encontre algo melhor. Para os que não só olham com curiosidade, mas rompem esta linha tênue da vida, voluntariamente, é que são conceituados como suicidas.

O termo suicídio aparece pela vez na obra do escritor inglês Sir Thomas Browne, intitulada *Regio Medici*, publicada em 1642, na Inglaterra (ARAGÃO, 2014). Posteriormente também foi utilizado por Desfontaines, em 1737. O termo cunhado do latim, é resultante da junção das palavras *sui* si mesmo e *caederes* ação de matar e designa o ato intencional de matar a si mesmo (RODRIGUES, 2013).

Os registros históricos e levantamentos se mostram um tanto obscuros, tendo em vista que o véu do silêncio sempre pairou sobre as mortes por suicídio, e esta temática é compreendida de maneira controversa em diferentes culturas. O que se observa é que o suicídio sempre esteve presente na história humana, sendo ora consentido, ora incentivado, principalmente por motivações religiosas, ora tolerado e, por vezes, criminalizado.

Os primeiros relatos de morte por suicídio se encontram na Enciclopédia Delta de História Geral, que registra um ritual no ano 2.500 a.C., na cidade de Ur, antiga Suméria, em que doze pessoas beberam uma bebida veneno e se deitaram para esperar a morte (SILVA, 1992).

A escritora Dias (1991) comenta que nas sociedades primitivas, a religião impunha o suicídio como parte da vida dos indivíduos. Pessoas eram obrigadas, seja por regras do grupo, ou regras internas, a se matar, cujos motivos variavam de acordo com a sociedade a qual pertencia o suicida.

A Bíblia e a Torá, livros sagrados para o Judaísmo e Cristianismo, também relatam atos suicidas, como o do líder israelita Sansão e de Judas Iscariotes, apóstolo de Jesus Cristo, no início da era cristã (BÍBLIA SAGRADA, 2008).

Na antiga Grécia, o suicídio era entendido como um ato político e jurídico contra a comunidade, e assim sendo, o indivíduo necessitaria de uma autorização prévia da comunidade para a prática do ato. No caso da prática sem a autorização,

o sepultamento do suicida era realizado sem as honras costumeiras. O Estado também regia estas práticas, vetando ou autorizando.

Caso notável do mesmo é a morte do filósofo Sócrates (469 a.c-399 a.c), que condenado por suas filosofias que supostamente corrompiam a juventude e negligenciavam os deuses, foi sentenciado a suicidar-se, por ingestão de cicuta, veneno extraído da planta com o mesmo nome.

No Antigo Egito, os servos do faraó falecido, eram enterrados vivos com o mesmo, a fim de continuar a servidão num mundo posterior. Existem também diversas teorias a respeito da morte da famosa Rainha Cleópatra, dentre elas a mais aceita é que a rainha se suicidou, deixando-se picar por uma serpente, para não ser feita prisioneira.

Na Antiga Roma, de acordo com Araguão (2014), a legitimidade do ato suicida era de conotação social. Aos escravos e soldados não lhes era permitido, enquanto ao homem livre não havia impedimentos legais ou religiosos que lhe imputasse alguma punição. Grande destaque foi o caso de Lucrecia (509 a.C), a dama romana, que após ser estuprada pelo filho do então rei de Roma, praticou o suicídio. Poucos séculos depois, têm-se a morte de Sêneca (4 a.c-65) em destaque. Grande intelectual do Império Romano e conselheiro do Imperador Nero, condenado por conspiração, foi obrigado a suicidar-se cortando os próprios pulsos.

Em meio aos exploradores nórdicos escandinavos, os Vikings, colonizadores entre os séculos VIII e XI, a morte em batalhas era a certeza de um acesso ao paraíso:

Basicamente as concepções de vida após a morte são divididas em torno de dois grandes espaços: os que morrem em batalhas, indo para o palácio do Valholl juntar-se às valquírias e ao deus Odin; e de outro lado, os que morrem de doenças, velhice ou acidentes e vão para os subterrâneos do reino de Hel. Também existem algumas variações: algumas fontes relatam que as mulheres virgens iriam para o palácio de Gefyon, outras, que elas dirigiam-se para o de Freyja. Escravos e fazendeiros seriam destinados ao reino de Thor. (LANGER, 2009, p. 134).

No Japão feudal, os guerreiros samurais praticavam o *haraquiri*, que é o suicídio por esventramento, ritual doloroso em que o guerreiro abre o próprio ventre e arranca seus órgãos internos. Tal ritual era uma forma de morrer

grandiosamente, e essa prática ocorreu no Japão entre os séculos XII e XIX, até o ano de 1868, quando foi oficialmente abolida pelo governo.

O Império Asteca, que habitou na região do atual México entre os séculos XIV e XVI, tinha nos sacrifícios humanos, uma das bases de sua religião. Acreditavam que em tal ritual, seus deuses eram apaziguados. Tinham também na morte em combate, a visão de algo glorioso, que concedia ao guerreiro, o destino ao mais elevado dos paraísos.

Os Esquimós, povos habitantes do Ártico Norte, entendem como morte digna, aqueles que, ao perceber a proximidade com a mesma, afasta-se do grupo, não usufruindo mais alimentos, e aguarda lentamente a entrada para o paraíso. Por isso, é comum que os idosos sejam abandonados em blocos de gelo, em meio ao oceano. (RIBEIRO, 2004)

Na Índia, até poucas décadas atrás, era por costume a viúva se jogar junto ao corpo do marido falecido em chamas, durante o ritual de incineração e morrer ao lado dele. O escritor português Ferreira de Castro, em visita à Índia em 1941, descreveu tais fatos posteriormente ao diário O Século, da cidade de Lisboa em 1969:

Outrora, no momento em que queimavam os seus maridos, elas lançavam-se, vivas, à mesma pira fúnebre, para morrer também. Os Ingleses proibiram o costume absurdo. Mas, no interior da Índia surge, de quando em quando, quem o pratique apesar de tudo. Ainda há poucos dias se deu, nos arredores de Calcutá, ruidosa tentativa de incineração ilegal. Uma viúva atirou-se sobre a fogueira, depois arrependeu-se e, ao procurar libertar-se, erguendo-se sobre as achas em chamas, os indivíduos que assistiam começaram a espancá-la, porque a súbita renúncia à morte era obra de espíritos malignos. (CASTRO, 1969, p.08).

Ao final do século V, há profundas modificações na estrutura organizacional das sociedades. Grandes impérios caem. As pestes e a miséria se espalham e o Cristianismo se firma como religião oficial da maior parte da Europa. A Igreja Católica Apostólica Romana, órgão representante na Terra do Cristianismo, torna-se a grande legisladora da sociedade. E sob a ótica cristã, o suicídio adquire outra perspectiva: pecado.

Esta conotação deve-se as escrituras sagradas, a Bíblia, que traz em seus principais mandamentos a ordenança no livro de Êxodo, de *não matarás*. (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 94). Em seus concílios o suicídio foi condenado teologicamente,

considerado ato contra o próprio Criador, sendo que Ele, e somente Ele, seria proprietário da vida. O suicida é comparado pela Igreja e Estado a um assassino e o indivíduo não teria direito a um funeral com rituais religiosos. O Cristianismo, que com o passar dos séculos se expandiu ao ocidente traz, até os dias atuais, a mesma concepção relativa ao suicídio.

Com a Renascença, período da história europeia entre os séculos XIV e XVII, houve transformações significativas relacionadas à cultura, arte, economia e religião. É o início da transição do Feudalismo para o Capitalismo. Neste processo, surge o Humanismo, conceito este que ressalta os valores individuais e aponta para a racionalidade. Os conceitos começam a mudar.

Mais adiante, com a Revolução Francesa, a partir de 1789, há uma intensa transformação hierárquica em todo o continente europeu, em que a monarquia e Igreja perdem o poderio diante de uma burguesia que clamava por liberdade, igualdade e fraternidade. Tais conceitos são embasados pelo Iluminismo, corrente cultural que apregoa o progresso e a razão. Desde então o sistema econômico se alterou, estabelecendo as profundas raízes do Capitalismo.

Neste contexto histórico, há um enfraquecimento da Igreja e um grande aumento de pensadores livres. Esses pensadores começam a discutir e por vezes divergir a respeito do tema suicídio. O suicídio continua sendo ato de estranheza e repúdio por grande parte da sociedade, mas ao invés de somente o desprezo ao suicida, há uma tentativa de compreensão e acalento tanto ao indivíduo, bem como à família.

O que fica evidente é que a maior parte das civilizações antigas, mesmo em culturas e diferentes religiões, acreditava ser a morte a porta de entrada para um paraíso prometido. O suicídio, mesmo que não habitual, por diversas eras foi concebido como um ato glorioso e honrado, considerando que sua prática era oferecida aos seus deuses. A morte não era temida, ao menos não da maneira que habitualmente é vivenciada:

A morte é o portão de entrada para o outro mundo mais do que no sentido literal, decorreu, em grande parte, senão totalmente, da morte – e nisso os pontos de vista ortodoxos no seu conjunto estão corretos. A morte e sua negação, - a imortalidade, sempre constituíram, como constituem hoje, o tema mais pungente dos pressentimentos humanos. (BOWKER, 1995, p. 18)

Bowker ressalta que não só a morte, mas a crença de que a vida não cessa com ela, pode ser considerado base central das religiões, o que acarreta no entendimento e dimensão que o ser humano projeta nas suas relações sociais.

As religiões contemporâneas e o suicídio

Nas civilizações modernas o suicídio continua a ser um tema abordado com muita restrição. As principais religiões contemporâneas, mesmo diversas em suas concepções, de alguma forma, com seus ensinamentos tentam apaziguar as angústias humanas e desmotivar quaisquer reações contra a própria vida.

Segundo Dantas (2016), a grande maioria das religiões se assemelha em acreditar em algo ou alguém do plano superior e na vida após a morte. Entre a grande quantidade de religiões existentes hoje no mundo, existem aquelas que se sobressaem e conseguem conquistar um grande número de fiéis. São elas: Islamismo, Cristianismo e Hinduísmo.

A religião islâmica começou ou nasceu exatamente no ano de 622, de acordo com o calendário cristão. Tal data costuma ser considerada um marco na história do Islamismo, pois foi quando Maomé, o fundador, teria recebido revelação divina para apregoar a nova fé. (JONES, 2015)

Conforme Dantas (2016) o Islamismo possui aproximadamente 1.283.424.000 fiéis, é a segunda religião mais praticada e a que mais cresce no mundo.

No que tange a respeito do tema suicídio, o Islamismo traz em seu livro sagrado, o Alcorão, a expressa condenação à morte auto provocada: *E não cometais suicídio, porque Deus é Misericordioso para convosco. Àquele que tal fizer, perversa é com Deus.* (ALCORÃO, 2016, p. 132) De acordo com Miranda (2016) os mulçumanos creem que, como o nascimento, a morte está nas mãos de Deus. Vivendo conforme os ensinamentos divinos, não há por que temer a morte.

Apesar do que parece ser uma regra, muitos dos seguidores islâmicos entendem apenas como uma advertência, e não uma lei. Baseiam-se no fato de que o próprio Alcorão dá a relevância de santo àquele que morre em defesa de sua fé, e é galardoado.

Os seguidores do islamismo entendem que propagar a sua fé é primordial, e para isso, veem a necessidade, por vezes, de abolir ou destruir todo aquele que

não professa sua fé em Alá. Neste cenário de fé fundamentalista atrelado às diversas guerras internas por política e poder, nasceu no meio islâmico vários grupos terroristas, como Taleban, Jihad Islâmica, Hamas, Al Qaeda entre outros. Inebriados por essa profunda religiosidade, estes grupos praticam atos bélicos. São, como já se sabe, os homens bombas. Praticam o suicídio, com intenção de levarem consigo o maior número de vítimas. O que parece estarrecedor, para um extremista é a maior confissão pública de fé (CAMARGO, 2007).

O Hinduísmo, outra religião com expressivo número de adeptos, com cerca de 851.291.000 fiéis, é a terceira maior religião e a mais velha do mundo (DANTAS, 2016).

O Hinduísmo não teve um fundador e não possui uma organização central. Ninguém criou uma relação de crenças que todos os hinduístas devam seguir. Mas todos os hinduístas respeitam os Vedas, um conjunto antigo de textos sagrados. (ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, 2016)

Ainda conforme a Enciclopédia Britânica (2016), os hinduístas devem agir de acordo com o princípio da *ahimsa*, que quer dizer não violência. Isso significa que nunca se deve desejar causar dano a alguém ou a alguma coisa. À respeito da morte, acreditam na reencarnação, ou seja, que a alma volta várias vezes à vida até se libertar. A vida na Terra é parte de um ciclo de nascimento, morte e renascimento.

No Hinduísmo se pratica a lei do Karma. É uma lei que defende que qualquer ato, por mais insignificante, voltará ao indivíduo com igual impacto. Bem será devolvido com bem; mal com mal. Visto os Hindus acreditarem na reencarnação, o karma não conhece limites de vida/morte. Se o bem e o mal caem sobre si, se as pessoas se comportam de determinado modo consigo, isso se deve ao que fez nesta ou numa vida passada. (EDWARDS, 1996)

No enfoque ao tema do suicídio, Bhaskarananda (2011), presidente da Sociedade Vedanta de Washington aponta que se uma pessoa para o relógio de seu corpo prematuramente cometendo o suicídio, ele comete um grande erro. Sua força kármica não para com a sua morte. Ela continua perseguindo-o mesmo no outro mundo. Por esta morte não natural causada por si mesmo, a força kármica inflige muito vezes mais sofrimento e dor sobre ele do que teria sofrido se estivesse vivo no corpo. Por isso o Hinduísmo condena.

Apesar de tal condenação, as tradições acabam por abrir brechas. Um dos costumes mais estarrecedores praticados no seio hindu, é o suicídio das viúvas, chamado de *sati*. De acordo com a mitologia, Sati, esposa do deus Shiva, se suicidou por zelo ao marido. Transmite-se então a ideia de esposa fiel, aquela que o acompanha até a morte. (BOTELHO, 2015)

O costume de a viúva atirar-se na pira onde o corpo do marido morto é cremado, foi oficialmente proibido. Mas essa prática, tão intrínseca à cultura hindu, ainda é relatada nos interiores dos países praticantes do hinduísmo, haja vista que o ato mencionado, não é só voluntário, mas incentivado pela comunidade.

O que se percebe na atualidade, é que o Hinduísmo mantém uma crença estranha de que o suicídio é permitido em alguns casos, principalmente se cometidos por gurus como um ato de auto sacrifício ou imolação. De acordo com tal crença, casos de imolação por fogo, fome lenta ou por suspensão da respiração são considerados suicídios válidos.

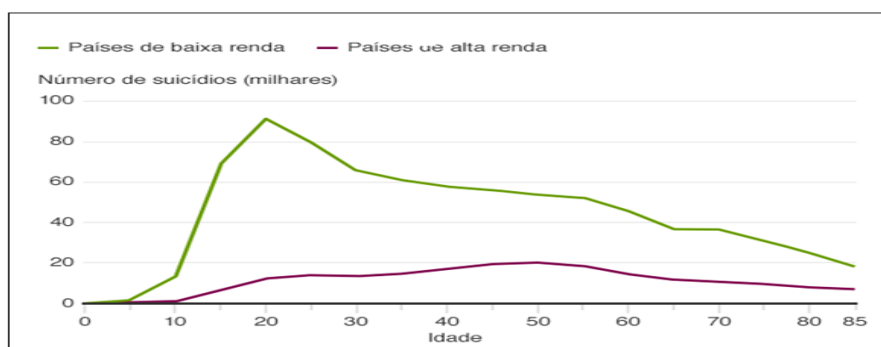
Mesmo com o crescimento de outras religiões, o Cristianismo continua sendo a doutrina com mais adeptos no mundo todo, com aproximadamente dois bilhões de seguidores. (VILAVERDE, 2012)

O suicídio no mundo atual

A Organização Mundial da Saúde - OMS publicou em 2014 o primeiro Relatório Global para prevenção do suicídio. Nesse documento inédito, foram divulgados dados assustadores. Mais de oitocentas mil pessoas cometem suicídio anualmente no mundo, o que equivale a uma pessoa a cada quarenta segundos. Isso representa uma taxa de 11,4 mortes para cada cem mil habitantes, colocando-o como 15º lugar no ranking de mortes.

Com relação à idade, o suicídio é muito alto entre pessoas com idade superior a 70 anos para ambos os sexos. Mas entre os jovens, na maior parte dos países as taxas de suicídio são mais elevadas. O suicídio é a segunda principal causa de morte na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, ficando atrás somente das mortes por trânsito, conforme gráfico a seguir:

Figura1: Índice de suicídios no mundo conforme renda



Fonte: OMS (2014)

O gráfico acima traz também o parâmetro da renda, tornando notável a influência socioeconômica como uma determinante para as mortes por suicídio.

O envenenamento, o enforcamento e o uso de armas de fogo são os métodos mais comuns de suicídio global.

Além das mortes, estima-se que em torno de 16 milhões de pessoas tentam suicídio todos os anos. O relatório destaca que 75% dos suicídios ocorrem em países de média e baixa renda. Esses dados apontam para a relevância dos aspectos socioeconômicos como fatores motivadores para o suicídio.

Segundo a OMS, a maior concentração de taxa de suicídio se encontra no Leste Europeu: Lituânia, 28,2/100.000; Rússia, 19,5/100.000; Bielorrússia, 18,3/100.000; Cazaquistão, 23,8/100.000 e Turcomenistão, 19,6/100.000.

Em números absolutos, o país que lidera o número de casos é a Índia, com 258 mil casos registrados entre 2010 e 2012. É seguida pela China, com 120 mil casos, e em terceiro lugar está os Estados Unidos, com 43 mil casos no mesmo período de tempo.

Na América Latina, a Guatemala apresentou a maior taxa de crescimento, 20.6%, seguida do México, com 16.6%, no período de 2000 a 2012.

No Brasil, as taxas de suicídio são consideradas baixas, entre 5.4/100.000 e 5.9/100.000 habitantes. O país ocupa o 113º lugar no mundo. Mas o dado alarmante revelado pelo Relatório é que o Brasil teve um aumento percentual de 10,4 % no período de 2000 a 2012, liderando em números absolutos na América Latina, e ocupando o quarto lugar em aumento em número de casos.

Chama a atenção também no Brasil, o aumento considerável do número de mulheres que tiraram a própria vida, 17, 80% a mais nesse período de 12 anos. Ainda assim, os homens tiram a vida três a quatro vezes mais do que as mulheres.

Quadro 1: Taxa de suicídios no Brasil por gênero

BRASIL	Suicídios em 2012	Taxa por 100 mil habitantes - 2012	Taxa por 100 mil habitantes - 2000	Aumento em 12 anos
Mulheres	2.623	2.5	2.1	17.80%
Homens	9.198	9.4	8.7	8.20%
Total	11.821	5.8	5.3	10.40%

Fonte: OMS (2014)

Existem ainda na atualidade outras formas de suicídio: a eutanásia e o suicídio assistido. Ambas as práticas consistem no direito legal de morrer. Em geral, são aplicadas somente em casos de pacientes terminais. Somente quatro países no mundo, Holanda, Suíça, Estados Unidos e Bélgica, possuem legislações específicas que autorizam tais práticas. (PERASSO, 2015).

Conclusão

O desenvolvimento da sociedade moderna traz consigo os extremos da desigualdade social. Pobreza, desemprego e crises que são pertinentes a esse sistema econômico, no qual a venda da força de trabalho é a essência desse sistema, tornando-se a única forma do indivíduo promover a seu meio de subsistência.

O capitalismo gera produção e consumo desenfreados, como também, o desemprego que está em seu cerne. A riqueza tende a concentrar-se cada vez mais nas mãos dos donos dos meios de produção e nos países desenvolvidos. Fica assim evidente que as nações que são menos desenvolvidas ou estão vulneráveis, econômica e socialmente, acabam por deixar sua população mais exposta a condições de extremo sofrimento. Tal sofrimento acarreta uma epidemia de suicídios que tem se alastrado pelo mundo.

O suicídio é multifatorial e no Relatório Global para Prevenção do Suicídio, publicado pela OMS em 2014, foram apontados oito fatores de risco que aumentam a probabilidade de uma pessoa ter um comportamento suicida. São eles: 1-Tentativa anterior de suicídio, 2-Transtornos mentais, 3-Consumo nocivo de álcool e/ou outras substâncias, Desemprego e 4-problemas financeiros, 5-Desesperança, 6-Dor crônica e enfermidades, 7-Antecedentes familiares de suicídios e 8-Fatores genéticos e biológicos.

Os países pobres contém o maior contingente de suicidas, representando 75% das mortes por suicídios no mundo, segundo dados colhidos pela OMS no ano de 2012. O Brasil figura como o 8º país em números de mortes suicidas. Foram registradas quase 12 mil mortes no ano de 2012. (OMS, 2014)

Diante de uma discrepância tão grande entre os números absolutos de mortes por suicídio entre os países de baixa e alta renda (três vezes mais), torna-se notável a conexão entre suicídio e pobreza.

Nas principais religiões contemporâneas, em seus ensinamentos tentam apaziguar as angústias humanas e desmotivar quaisquer reações contra a própria vida, sendo assim, este trabalho apresentou a visão da maioria das religiões sobre o suicídio, demonstrando que em sua absoluta maioria condenam tal ato.

Fica assim evidente a necessidade de políticas públicas, ações, programas e serviços para atendimento da demanda de pacientes com potencial suicida e seus familiares, e também o papel do Serviço Social.

Vindo de encontro a estas necessidades o Ministério da Saúde implementa a Política Nacional de Humanização (PNH) no ano de 2003, tendo como seus princípios: transversalidade, indissociabilidade entre atenção e gestão, protagonismo, corresponsabilidade e autonomia dos sujeitos e coletivos. Traz também como diretrizes o acolhimento, gestão participativa com cogestão, ambiência, clínica ampliada e compartilhada, valorização do trabalhador e defesa dos direitos dos usuários.

A prevenção apresenta-se como um item de suprema necessidade como também as abordagens, onde, em vários Países através de mudanças em suas atitudes e crenças sobre o suicídio nota-se grande evolução como mostram relatórios da OMS.

Para uma eficácia na prevenção do suicídio exige-se uma vigilância e monitoramento de tentativas, do mesmo modo que os recursos disponíveis para a prevenção do suicídio são limitados, os administradores, agências de saúde agentes públicos e outros devem decidir qual a proporção de fundos e recursos para a prevenção.

No Brasil, as estratégias e atendimentos para pessoas com potencial suicida e seus familiares é abrangido pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS, instituído por lei federal em 1990, e tem como determinante a saúde como direito

de todos e dever do estado, abrange as equipes de saúde mental, sendo estas as responsáveis diretas pelo atendimento à pessoa potencialmente suicida. Em geral, esse paciente é classificado como portador de algum transtorno mental, sendo necessária a inserção do seu acompanhamento e tratamento nessas equipes.

Em grande parte dos municípios brasileiros, dentro do SUS, a estratégia voltada para atendimento das pessoas com transtornos mentais são os Centro de Apoio Psicossocial - CAPS. O CAPS tem como objetivo ser um mecanismo substitutivo às internações hospitalares psiquiátricas, oferecendo acompanhamento clínico, reinserção social e fortalecimento de vínculos.

Constatou-se também, que, o Assistente Social é de extrema importância na Comunidade Terapêutica, pois tem uma visão crítica, com uma forma de olhar para a instituição familiar como parte do processo de tratamento psiquiátrico, fato este que possibilita um melhor atendimento do paciente e sua família.

A atuação do assistente social na área da saúde mental requer uma discussão entre loucura e sociedade, alienação social e prática profissional. Sendo assim é indiscutível a importância de conhecer o contexto dos portadores de transtornos mentais, identificando suas necessidades, sejam elas, políticas, sociais, culturais ou até mesmo materiais.

Pôde-se observar uma fragilidade na rede de atendimento a pessoa com transtorno suicida como a falta de mais hospitais de referência e maior integração dos setores que compõem a rede de atendimento.

Referências Bibliográficas

ALCORÃO, Nars, H.. Traduzido para o português. disponível em:
<<http://www.ccbi.org.br/uploads/files/alcorao-pdf.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2016.

ARAGUÃO, Soraya R.. *Historia do suicídio: Aspectos culturais, socioeconômicos e filosóficos*. 31 maio 2014. Disponível em:
<<http://www.consultoriapsi.net/news/historia-do-suicidio-aspectos-culturais-socioeconomicos-e-filosoficos>> Acesso em: 12 jun. 2016.

BHASKARANANDA, Swami, *As doutrinas do Karma, predestinação e reencarnação*. 2011. Vedanta Society of Western Washington. Disponível em:
<<http://www.estudantedavedanta.net/A%20DOUTRINA%20DO%20KARMA.pdf>> acesso em: 01 jul. 2016.

BOTELHO, Octavio. *O Sacrifício de Viúvas na Índia*. 13 out. 2015. Disponível em: <<https://observadorcriticodasreligioes.wordpress.com/2015/10/13/o-sacrificio-de-viuvras-na-india/>> Acesso em: 12 jun. 2016.

BOWKER, John. *Os sentidos da morte*. São Paulo: Paulus, 1995.

CAMARGO, Vera Lúcia. *Matar-se em nome de Deus: Uma análise do suicídio praticado por homens e mulheres bombas*. Dissertação em Ciências da Religião - Pontifícia Universidade Católica, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/sociologia/dissertacoes/matarse_nome_deus.pdf> Acesso em: 22 ago. 2016.

CASTRO, Ferreira. *O século*. 31 dez 1969. Disponível em: <<http://www.portaldascuriosidades.com/forum/index.php?topic=48849.0>> Acesso em: 22 jun. 2016.

DANTAS, Gabriela C. S.. *As Cinco Maiores Religiões: Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/religiao/as-cinco-maiores-religioes.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

DIAS, Maria Luisa. *Suicídio: testemunhos do adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ERCASI, Cláudia G.. *A cultura do suicídio na China*. 08 maio 2011. Disponível em: <<http://www.midiasem mascara.org/artigos/internacional/china/12064-a-cultura-do-suicidio-na-china.html>> Acesso em: 28 set. 2016.

EDWARDS, Paul. *Karma The Encyclopedia of the Paranormal*. 1996. Disponível em: <<http://brazil.skepdic.com/karma.html>> Acesso em: 12 jun. 2106.

JONES, Quêzia, *História do Islamismo: Quando nasceu a religião islâmica?* Disponível em: ,<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/pergunte-professor/historia-islamismo-689482.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2016.

MARX, Karl, *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PERASSO, Valéria. *Suicídio assistido: que países permitem ajuda para morrer?* Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_suicidio_assistido_rb> Acesso em: 11 ago. 2016.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Objetivos de desenvolvimento do milênio*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ODM.aspx>> Acesso em: 24 ago. 2016.

RODRIGUES, Rafael L.. *Literatura Gótica*. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/contato.htm>> Acesso em: 12 jun. 2016.

RIBEIRO, Daniel M.. *Suicídio: critérios científicos e legais de análise*. jun 2004. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/5670/suicidio-criterios-cientificos-e-legais-de-analise/2>> Acesso em: 09 jun. 2016.

SALES, Robson. *Taxa de desemprego sobe para 11% no trimestre até abril, nota IBGE*. Disponível em : <<http://www.valor.com.br/brasil/4582235/taxa-de-desemprego-sobe-para-112-no-trimestre-ate-abril-nota-ibge>> Acesso em: 23 ago. 2016.

SILVA, Marcimedes M.. *Suicídio – Trama da Comunicação*. Dissertação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica, 1992. Disponível em: <http://entline.free.fr/ebooks_br/00825%20-%20Suic%EDdio%20-%20Trama%20da%20Comunica%E7%E3o.pdf> Acesso em: 12 jun. 2016.

VILAVERDE, Carolina. *As oito maiores religiões do mundo*. 23 jan 2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/as-8-maiores-religioes-do-mundo/>> Acesso em: 12 jun. 2016.